

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

GENIVALDO HENRIQUE DA SILVA LIMA
ISABEL FREITAS AGUIAR DA SILVA BAHÉ

**RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TCC “RUA DA AURORA NA DITADURA MILITAR:
POR UM LUGAR DE MEMÓRIA”**

RECIFE

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TCC “RUA DA AURORA NA DITADURA MILITAR: POR
UM LUGAR DE MEMÓRIA”

Relatório de produção do projeto experimental “Rua da Aurora na Ditadura Militar: por um lugar de memória”, realizado pelos alunos Genivaldo Henrique da Silva Lima e Isabel Freitas Aguiar da Silva Bahé, sob orientação da Prof^a. Yvana Fechine de Brito, como trabalho de conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco.

RECIFE

2025

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. METODOLOGIA	7
3. DIFICULDADES E SOLUÇÕES	10
4. APRENDIZADO PROFISSIONAL	12
REFERÊNCIAS.....	13
ANEXO 1.....	15

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso em jornalismo se propôs a realizar uma grande reportagem multimídia em defesa da Rua da Aurora, localizada no Centro do Recife, como um lugar de memória referente ao período da Ditadura Militar no Brasil, que passou pela efeméride dos 60 anos em 2024. A rua, uma das mais antigas da capital pernambucana, abarca lugares simbólicos daquele tempo, como o prédio do Departamento de Ordem e Política Social, onde atualmente funciona o prédio da Polícia Civil; o Ginásio Pernambucano, uma das escolas mais antigas do país, que se consolidou como matriz do movimento estudantil secundário; além do Monumento Tortura Nunca Mais, cujas obras homenageiam vítimas de perseguição e violação de direitos humanos no período.

A reportagem foi construída sob o objetivo de apresentar e problematizar a Rua da Aurora como lugar de memória no período da Ditadura Militar, visto que a preservação destes locais se mostra uma necessidade diante do ressurgimento de forças políticas autoritárias e antidemocráticas. Os objetivos apresentados no pré-projeto foram estabelecer a Rua da Aurora como um lugar de memória da Ditadura Militar em Pernambuco, entendendo a sua importância para o período; propor uma reflexão sobre a percepção da Ditadura Militar atualmente, sobretudo no Recife, considerando a existência de equipamentos de memória, como o Memorial da Democracia e o Monumento Tortura Nunca Mais; resgatar a história do Golpe a partir do Movimento Educar para o Nunca Mais.

Consideramos que o objetivo do projeto foi cumprido, visto que a reportagem conseguiu problematizar a ausência do reconhecimento de um período importante na história política do país, numa rua simbólica de uma cidade central na luta contra o Regime Militar, ressaltando também a importância de, além de reconhecer, preservar a memória desta rua. O produto final é constituído de uma grande reportagem multimídia abrigada num site, sendo dividida em quatro seções: Rua da Aurora na Ditadura Militar: por um lugar de memória (Introdução); “Quando as flores são retidas”: a luta do movimento estudantil; Nas malhas da repressão: as prisões na Rua da Aurora; e Aurora: por uma rua de memória.

Cada seção da reportagem tem objetivos específicos e é composta por elementos textuais e audiovisuais. A primeira, que leva o título do projeto, busca introduzir a Rua da Aurora, afirmando sua posição como uma rua relevante política, cultural e socialmente, formando, em seus mais de dois séculos de existência, um ponto estratégico do Recife. Além

do texto, esta parte conta com um depoimento em vídeo de Lília Gondim, economista e ex-presença política, personagem importante para a reportagem, que relata sua experiência com a rua antes do período da Ditadura Militar. Ainda nesta seção já se levanta o argumento de que a Rua da Aurora representa um lugar de memória do regime, esquecido em meio aos sobrados antigos, com falas de Júlia Rocha, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e Manoel Moraes, professor de Direito na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e ex-integrante da Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara (CEMVDHC).

A segunda seção, “Quando as flores são retidas’: a luta do movimento estudantil”, inicia uma busca pelos lugares de memória que evocam o período da Ditadura Militar, tomando o Ginásio Pernambucano como representante do movimento estudantil, com uso de recursos textuais e fotográficos. Assim, foi realizado um apanhado histórico das lutas estudantis no país e em Pernambuco, contando com o auxílio do historiador e professor da Universidade Federal de Pernambuco, Dimas Veras, e do jornalista e poeta Marcelo Mário de Melo, que na época do Golpe, era estudante do Ginásio e integrante do movimento estudantil secundarista, cujo depoimento afirmou a posição do colégio como base das lutas estudantis no período.

A terceira seção, “Nas malhas da repressão: as prisões na Rua da Aurora”, evoca na sede da Polícia Civil a memória do antigo Departamento de Ordem e Política Social para falar das prisões políticas e torturas no período da Ditadura Militar. Esta divisão da reportagem contou com o depoimento do professor Manoel Moraes, já introduzido na primeira seção, para detalhar o funcionamento do Sistema Nacional de Inteligência (SNI), um aparato de espionagem e perseguição estatal. Também contamos a história de Lília Gondim, apresentada na introdução, com depoimentos concedidos em entrevista – presentes tanto em formato textual quanto em audiovisual nesta seção – e arquivos da Comissão Nacional da Verdade.

A última seção da reportagem, “Aurora: por uma rua de memória”, trata da questão do reconhecimento da rua como um lugar de memória da Ditadura, direcionando-se aos espaços existentes na rua que homenageiam as vítimas deste período: o Monumento Tortura Nunca Mais e a Calçada da Memória, localizadas na Praça Padre Henrique. Discutimos também a possibilidade de patrimonializar a Rua da Aurora pela relevância histórica do regime, trazendo o depoimento da professora Júlia Rocha, apresentada na primeira seção, que disserta sobre os trâmites e condições para que uma rua seja reconhecida, em termos federais, pela sua relevância

histórica, além de elencar algumas dificuldades de patrimonialização referente ao período da Ditadura Militar.

A última seção também aborda a questão da preservação destes espaços, afinal, pois eles também mantêm viva essa memória. Neste ponto, além de lembrar os casos de depredação sofridos pelos monumentos na Praça Padre Henrique, também nos utilizamos de um relato presenciado pela reportagem durante uma visita à rua em meados de fevereiro, quando ela estava em obra para diminuir o impacto das chuvas. Os monumentos, no entanto, se encontravam em estado de completo abandono, disputando lugar com entulhos de construção. Em um movimento para incorporar à reportagem uma reflexão do “hoje”, discutimos o problema cultural e social deixado pela Ditadura Militar no Brasil, suas causas e consequências, evidenciando que este período ainda é alvo de disputas pela narrativa histórica “oficial”, o que torna o reconhecimento e preservação destes lugares de memória uma necessidade urgente e atual.

2. METODOLOGIA

Para a execução do projeto de conclusão, foi realizada uma vasta pesquisa bibliográfica – em jornais disponibilizados na Hemeroteca Nacional, artigos acadêmicos e arquivos digitais do estado de Pernambuco – sobre a relação entre a Rua da Aurora e a Ditadura Militar. É importante ressaltar que a Ditadura Militar em Pernambuco foi tema de pesquisa dos autores durante longos períodos da graduação, tanto em trabalhos de disciplinas quanto nos ambientes profissionais, por isso já havia grande conhecimento bibliográfico e contato prévio com a maioria das fontes.

Após o período de pesquisa, delimitamos, junto à orientadora, os lugares de memória que seriam abordados na reportagem. Inicialmente, por conta da posição geograficamente estratégica da Rua da Aurora, foi cogitada a possibilidade de montar uma espécie de “circuito de memória da Ditadura Militar”, que abrangeria locais anexos à rua que também guardam história deste período, como o Hospital Geral do Exército – onde funcionava o Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), e a Faculdade de Direito do Recife (FDR). No entanto, decidimos que a reportagem apresentaria apenas os lugares da Rua da Aurora, apesar destes e outros edifícios que compõem o “circuito” serem citados ao longo do texto.

Delimitados os lugares, passamos para o processo de escolha das fontes. Ao todo, o período de delimitação dos lugares e escolha das fontes para marcação durou entre os dias 19/11 e 27/11. Como apontado anteriormente, os autores da reportagem já possuíam contato prévia com os professores Dimas Veras e Manoel Moraes, bem como com Lília Gondim. Os contatos com a professora Júlia Rocha e o jornalista Marcelo Mário de Melo foram facilitados pela orientadora do projeto.

No dia 04/12, foi realizada a primeira entrevista do projeto, com a professora Júlia Rocha, onde discutimos a questão de patrimonialização da Rua da Aurora e o período da Ditadura Militar nesta perspectiva. A entrevista aconteceu presencialmente na sala da docente no Centro de Artes e Comunicação. Neste mesmo dia, ocorreu uma reunião com a orientadora e Hugo Pessoa, funcionário do Laboratório de Imagem e Som da UFPE, para discutir alguns detalhes da identidade visual do site.

Em 11/12, foi realizada, de forma remota, a entrevista com o historiador e professor Dimas Veras, que proporcionou um apanhado geral da história do Movimento Estudantil no Brasil e em Pernambuco, ressaltando as lutas estudantis como essenciais no combate ao regime militar, indicando também lideranças importantes do movimento em Recife, e situando a Rua da Aurora em seu relato.

Após o recesso, as entrevistas foram transcritas e o rascunho das primeiras seções (“Quando as flores são retidas” e “Aurora: por uma rua de memória”) começaram a ser escritas. Simultaneamente, entrou-se em contato com as fontes restantes: Lilia Gondim, Manoel Moraes e Marcelo Mário de Melo – que foi contatado já em dezembro, mas não foi marcada nenhuma entrevista por conflitos de agenda. A conversa com Lilia aconteceu no dia 12/02, gravada na sua residência, com recursos e materiais – câmera, microfone e cartão de memória – dos próprios autores.

No dia 13/02, aconteceu uma expedição da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos em Recife, com atividades no Memorial da Democracia Fernando Vasconcelos Coelho, a sede da OAB-Recife, finalizando com a inauguração do busto de Soledad Barrett, ativista política assassinada pela Ditadura, na Rua da Aurora. A expedição foi acompanhada pela reportagem, que presenciou os eventos detalhados na seção “Aurora: por uma rua de memória”, e realizou fotografias dos lugares de memória citados na reportagem.

Em 19/02, em uma reunião com a orientadora, decidimos os próximos passos da reportagem. Houve uma avaliação do material entregue, com um retorno sobre os rascunhos das primeiras seções do texto. No dia seguinte, ocorreu uma conversa por ligação com o jornalista e poeta Marcelo Mário de Melo, que forneceu um relato ímpar sobre sua participação no movimento estudantil secundarista, como aluno do Ginásio Pernambucano, com uma análise crítica e histórica da política de sua época. Apesar das suas falas serem limitadas à segunda seção, relativa ao movimento estudantil, a conversa com o poeta auxiliou na compreensão do material de arquivo coletado e esclareceu diversas dúvidas, reiterando a importância da história oral neste projeto.

A última entrevista aconteceu no dia 21/02 de forma remota, com o professor Manoel Moraes, que esclareceu questionamentos sobre a atuação da Comissão Estadual da Verdade Dom Hélder Câmara, sobre o problema da anistia no período de redemocratização brasileira, a

importância da participação da sociedade civil, e do movimento Educar para o Nunca Mais e sua importância para a preservação contínua da memória da Ditadura Militar.

Acabado o período de entrevistas, estas foram transcritas e continuou-se o processo de escrita das reportagens, ao mesmo tempo que se montava a identidade visual do site. No dia 17/03, foi realizada a última reunião de orientação, na qual discutimos o rascunho do site, e a orientadora fez as pontuações finais sobre o produto. Nesta mesma semana, os vídeos que integraram a reportagem foram editados. O conteúdo e a identidade do site foram encaminhados para um estudante de Sistemas da Informação, Gabriel Freitas, contratado para programar o site na plataforma Vercel.

3. DIFICULDADES E SOLUÇÕES

A primeira dificuldade encontrada para executar o projeto experimental foi o calendário semestral, pois o início do semestre aconteceu no final de novembro, com um recesso antes do período natalino até a última semana de janeiro. Além disso, o retorno das aulas foi interrompido pelo Carnaval, que teve uma duração prolongada por coincidir com o feriado da Data Magna, resultando num período turbulento e difícil para planejar e executar o projeto.

Dado o problema do calendário semestral, a marcação das entrevistas se tornou um grande obstáculo, visto que a maioria dos entrevistados possuía viagens marcadas ou não tinham agenda disponível no fim do ano. Além disso, o jornalista e poeta Marcelo Mário de Melo e o professor Manoel Moraes foram particularmente mais complicados de marcar as conversas por conflitos de agenda, mas, apesar de atrasos, conseguimos.

As obras da Rua da Aurora, cuja operação está em andamento desde o início do ano, também se mostraram um problema na execução do projeto experimental, visto que dificultou o processo de fotografia dos lugares de memória, já que a maioria estava coberta com tapumes, e a Praça Padre Henrique estava cheia de entulhos de construção. A solução encontrada, além de registrar esse descaso e integrá-lo na reportagem, foi buscar fotografias de arquivo cujo uso fosse permitido – como os registros oficiais da Prefeitura do Recife.

As pesquisas bibliográficas e em arquivos digitais também foram um desafio. Como a reportagem trata de um período histórico de 21 anos, há um acervo imenso de informações e registros divididos. Por isso, a pesquisa bibliográfica se prolongou e foi necessário retornar aos arquivos diversas vezes durante o processo de escrita. Já na busca por imagens do período, a dificuldade foi a falta de catalogação de alguns arquivos, como os da Comissão Estadual da Verdade – amplamente usado neste projeto, disponíveis no Arquivo Público Estadual João Emerenciano. Com exceção dos arquivos da Villa Digital – acervo eletrônico da Fundação Joaquim Nabuco – os arquivos não eram catalogados com metadados, o que dificulta a pesquisa por palavras-chaves.

A montagem do site, principalmente da identidade visual, foi dificultada pela limitação de conhecimento dos autores na área de design. Inicialmente, foi planejado que a identidade visual seria desenvolvida em parceria com o Laboratório de Imagem e Som (LIS), no entanto, isso acabou não sendo possível pelos atrasos já mencionados das entrevistas e também pelas

várias interrupções nas atividades do DCOM ao longo do semestre (paralisação de servidores, chuvas fortes em Recife, problemas de falta d'água do CAC, feriados e recesso). Por isso, os recursos visuais do site – com exceção da capa da reportagem – foram produzidos exclusivamente pelos autores e encaminhados para um programador contratado, visto que a dificuldade de montagem já havia sido prevista no anteprojeto.

De todo modo, também houve diversos empecilhos referentes a montagem do site, que havia sido planejada e encaminhada para programação externa. O projeto experimental foi desenvolvido e reprogramado em três softwares de webdesign – Inkscape, Figma, e Photoshop –, visando facilitar a exportação para o servidor externo – Vercel – que hospedaria o domínio. No entanto, mesmo com a diversidade de arquivos e formatos, a codificação do site não foi finalizada por conta de erros, cujos diagnósticos e correções não lograram a exibir o site no servidor de hospedagem a tempo do prazo de entrega. A solução encontrada pelos autores foi montar um site na plataforma Wix, que permite a hospedagem gratuita – no entanto, sem domínio próprio.

Por último, mas não menos importante, a produção do projeto experimental foi dificultada pela rotina dos autores, que precisaram realizar outras demandas em conjunto com o TCC – aulas, estágios, monitorias e projetos secundários –, demandando tempo e dedicação, além de maiores esforços para a finalização da reportagem. A solução encontrada, em conjunto com a orientadora, foi adaptar o trabalho de acordo com as condições de produção, priorizando a realização de entrevistas remotas, e solicitando dispensa do estágio e monitoria quando necessário uma ação presencial. A disponibilidade dos arquivos em plataformas digitais foi de grande ajuda no processo de pesquisa, que pôde ser realizado de acordo com a possibilidade dos autores.

4. APRENDIZADO PROFISSIONAL

O projeto experimental de conclusão de curso nos reafirmou como jornalistas comprometidos com os direitos humanos e a preservação da memória, pois entende-se que ela é essencial para que a sociedade encare as feridas do passado, entenda seu presente e vigie seu futuro. Como refletiu a escritora francesa Annie Ernaux (2021), o coletivo – o “espírito da época” – escolhe os objetos e lugares de memória, decidindo por meio destes o que será recordado.

O jornalismo faz parte deste espírito de época. Ousa-se dizer que ele ajuda a constituí-lo, afinal o que será lembrado em tempos futuros será encontrado nos jornais do presente. Não é à toa que uma das principais fontes bibliográficas para a composição deste projeto foi o acervo do Diário de Pernambuco, o periódico mais antigo da América Latina, cujo arquivo está disponível na Biblioteca Nacional. O Diário e outros veículos influentes decidiram o que é lembrado hoje.

Do mesmo modo, este trabalho evidenciou a existência de uma eterna disputa de narrativas cuja vencedora é titulada História, aquela que os jovens aprendem nos livros didáticos e tomam como verdade – na maioria dos casos, é uma narrativa excludente, que ufaniza uma minoria socialmente privilegiada. O jornalismo se mostra como uma ferramenta essencial de combate ao escutar as vozes dos exilados, dos violentados, e os que ainda lutam para o reconhecimento de sua história na reinvidicação da democracia brasileira, tão ameaçada nos dias atuais.

Além disso, os autores colocaram em prática diversos conceitos aprendidos durante o curso: a ética jornalística, técnicas de entrevista, checagem de fatos – muito necessária quando se lida com documentos e registros históricos –, construção do texto com técnicas de jornalismo literário, além de desenvolver habilidades técnicas, como a gravação de imagem, captação de áudio, fotografias still e edição audiovisual.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Lucila. No Recife, vereadores decidem se busto de Castello Branco será retirado. **Brasil de Fato**, Recife-PE, 6 jul.2020. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2020/07/06/no-recife-vereadores-decidem-se-busto-de-castello-branco-sera-retirado/>. Acesso em: 10 mar.2025.

CÂMARA do Recife rejeita retirada do busto de Castelo Branco da Caxangá. **Folha de Pernambuco**, 6 jul.2020. Blog da Folha. Disponível em:

<https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/camara-do-recife-rejeita-retirada-do-busto-de-castelo-branco-da-caxanga/18892/>. Acesso em: 10 mar.2025.

CNV - Comissão Nacional da Verdade. Disponível em:

<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>. Acesso em: 04 out. 2024

DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2024. p. 232

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **BNDIGITAL**: Coleção Diário de Pernambuco. Recife, 1964-1979. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

GABRIEL, Fabson. Homenagem aos desaparecidos políticos da ditadura militar é destruída no Recife. **Diário de Pernambuco**, 13 fev.2022. Disponível em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2022/02/homenagem-aos-desaparecidos-politicos-da-ditadura-militar-e-destruida.html>. Acesso em: 16 jan.2025.

HENRIQUE, Genivaldo; BAHÉ, Isabel. **Educar para o nunca mais**: o papel do Memorial da Democracia enquanto mecanismo de resgate da luta contra a Ditadura Militar.

Manguetown Revista, 20 set. 2023. Disponível em:

<https://www.manguetownrevista.com/memorial-democracia>. Acesso em: 6 out. 2024.

MACEDO, S. **Adufepe inicia seminário sobre o golpe de 1964**. Disponível em:

<<https://www.adufepe.org.br/adufepe-inicia-seminario-sobre-o-golpe-de-1964/>>. Acesso em: 22 mar. 2025.

NORA, Pierre; MASELLO, Laura. **Pierre Nora en “Les lieux de mémoire”**. Montevideo: Trilce, 2008.

PERNAMBUCO. Secretaria da Casa Civil. **Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara**: relatório final: volume I. Recife: CEPE, 2017. 405 p.

PERNAMBUCO. Secretaria da Casa Civil. **Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara**: relatório final: volume II. Recife: CEPE, 2017. 446 p.

TOLED, Raisa. STF condena mais 63 envolvidos em atos antidemocráticos de 8 de janeiro.

Terra, 10 mar.2025. Política. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/stf-condena-mais-63-envolvidos-em-atos-antidemocraticos-de-8-de-janeiro,f67595041a5282684cfcb82a77851cbfwb8k8mpn.html>.

Acesso em: 11 mar.2025

ANEXO 1

Ficha de Catalogação de Projeto

Título: Rua da Aurora na Ditadura Militar: por um lugar de memória
Autor(es): Genivaldo Henrique da Silva Lima e Isabel Freitas Aguiar da Silva Bahé
Formato: Grande reportagem multimídia
Semestre/Ano de Execução: 2024.2
Orientador: Yvana Carla Fechine de Brito
Curso: Jornalismo
Sinopse (5 linhas): O presente trabalho de conclusão de curso em jornalismo se propôs a realizar uma grande reportagem multimídia em defesa da Rua da Aurora, uma das ruas mais antigas do Recife, como um lugar de memória referente ao período da Ditadura Militar no Brasil, que passou pela efeméride dos 60 anos em 2024, a partir dos lugares simbólicos daquele tempo, abarcados nesta rua histórica.